

ANTÔNIO MARTINS FILHO: DEZ ENFOQUES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS

Joaryvar Macedo

Raríssimos os homens de letras deste país que mereceram tão vasta bibliografia crítica — livros, teses, monografias, ensaios e artigos — como o poeta paraibano Augusto dos Anjos.

É bem verdade que uma parcela dessa bibliografia procura denegrir-lhe a produção. Esse fato, entretanto, não deixa de ser normal. É o que sói acontecer a quantos mais se projetam, não só no campo das letras, senão também nas diversas áreas da atividade humana.

A esse respeito, dentre tantos outros exemplos frisantes, citemos um apenas. Quantos opositores não teve José de Alencar? Na verdade, o maior romancista brasileiro, o irrecusável e fecundo criador da literatura nacional, se, por um lado teve uma considerável quantidade de comentaristas favoráveis, a exaltarem sua obra, de outro ângulo, não lhe faltaram os cáusticos e iníquos julgadores, a minimizarem e até a achincalharem sua tão apreciada e tão aplaudida produção. E isto não apenas no Brasil, porém ainda em Portugal.

Idêntica sorte tiveram outros fulgurantes nomes da nossa literatura, sorte a que não escapou o genial, o extraordinário poeta Augusto dos Anjos, sobretudo logo após a publicação do seu primeiro e único livro, *Eu*, quando, minguidas e restritivas, muitas delas até mesmo deletérias, se apresentaram as manifestações críticas acerca da obra.

O tempo, contudo, haveria de resgatar, como de fato resgatou, a opulência da produção do bizarro poeta, paraibano pelo nascimento, e brasileiro pela projeção da sua obra na contextura das letras nacionais. Tanto assim que se sucedem as edições do *Eu*, e a

fortuna crítica de Augusto dos Anjos já sobrepuja aos quinhentos títulos.

A essa fortuna crítica, realmente de chamar a atenção, junta-se, agora, a contribuição de Antônio Martins Filho, *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*, contendo nada menos de dez enfoques, da mais alta valia, a respeito do poeta que *trocou a sua forma de homem pela imortalidade das idéias*. Livro, aliás, bem planejado, cujos segmentos podem ser lidos isoladamente.

Em nota introdutória esclarecedora, Martins Filho apresenta as razões que o induziram à feitura da obra, vinculadas elas, ainda, à sua juventude no Crato. À época, no ano de 1922, nesta cidade, um grupo de jovens fundara uma agremiação literária, com o nome de Academia dos Infantes, da qual foi ele o primeiro e único presidente, e onde teve como patrono Augusto dos Anjos.

Tecendo comentários acerca de boa parte da crítica a respeito do poeta, e dela haurindo sempre curiosas conclusões, inicia o trabalho enfocando como se lhe ensejou contactar com as primeiras produções de Augusto dos Anjos, o que se dera no já culto ambiente cratense, ao final do quartel inicial do vigente século. Da leitura dessas produções adveio-lhe a admiração pelo vate, *cujo coração tinha catedrais imensas*. Admiração que cresceu, ao perلustrar um estudo de Mário Linhares sobre o autor do *Eu*, obra única, entretanto suficiente para imortalizá-lo, como realmente o imortalizou, e viria a ser a mais reeditada e mais discutida da literatura em terras brasileiras.

O citado estudo de Mário Linhares, objeto da apreciação de Martins Filho, entre outros aspectos da personalidade do poeta, ressaltava-lhe a esquisitice do temperamento, o mórbido sentimento da morte ressumado pelos seus versos, a obsessão na abordagem de coisas repugnantes, o emprego excessivo de termos científicos, e outras excentricidades, que, no seu entender, defeituam o *Eu*. Nada obstante, Mário Linhares, enaltecia Augusto dos Anjos como "rara e robusta organização de pensador, destinada a atingir as culminâncias da Arte", em face da sua vigorosa cerebração, destacando, inclusive, sua originalidade.

Do arrazoado de Mário Linhares conclui Martins Filho que a mensagem poética do *Eu*, para os mais esclarecidos, e ansiosos por inovações na área das Letras e das artes, particularmente para os jovens, em termos de libertação do sentimento artístico, expressava, em verdade, algo de original.

Nos dados biográficos expostos, o autor das *Reflexões* põe em relevo a vasta cultura do genitor de Augusto dos Anjos, que impingiu ao filho um regime de trabalho sobremaneira rigoroso, do que

resultou a sólida cultura assimilada pelo poeta. Esse regime de trabalho, imposto pelo pai, de envolta com o desequilíbrio mental da genitora, eis os dois fatores preponderantes, a influenciarem, decisivamente, na personalidade intelectual e no psiquismo do menino do Engenho Pau d'Arco, o primeiro positivamente, o segundo negativamente.

No mencionado segmento da obra, encontram-se registrados, outrossim, a experiência de Augusto dos Anjos no magistério, a amarga decepção sofrida em sua própria terra, causada por uma desairosa atitude do então governante paraibano, a publicação da sua obra única, bem assim outros elementos essenciais da sua biografia.

Detendo-se, em seguida, na análise crítica de Antônio Torres, um dos mais antigos comentaristas de Augusto dos Anjos, Martins Filho endossa, inteiramente, através de judicioso tratamento, a opinião do referido intelectual. Para este, Augusto dos Anjos constituirá um caso singular em nossa literatura, sendo como poeta, irrecusavelmente, um verdadeiro artista, havendo, na sua obra, belezas extraordinárias, a despeito das imperfeições com que ela se apresenta, das quais, lamentavelmente, falecendo muito moço, não teve tempo de escoimá-la.

Discorrendo sobre o *Eu*, Martins Filho aborda dificuldades encontradas pelo poeta. Não apenas a falta de interesse na edição do seu livro, mas também e sobretudo a decepção bem maior que lhe motivou a crítica, "parcimoniosa e reservada", com raras exceções, o que de muito lhe chocou a sensibilidade. O pior, todavia, foram as críticas contundentes, de que não se safou sequer a escolha do título da obra.

É bem verdade que algumas vozes se ergueram no destacar o valor da obra de Augusto dos Anjos, sua superior inspiração, a cultura, o brilho, a independência de idéias, a originalidade. Para a maioria, entretanto, o poeta, pobre de sentimentos, empanturrado de cientificismo, não passava de um desequilibrado mental, um estapafúrdio, um louco mesmo.

O tempo, no entanto, se encarregaria de, aos poucos, destruir essa onda de hostilidades e restrições a Augusto dos Anjos. Tal mudança de atitude, segundo o autor das *Reflexões*, surgiria a partir da reedição do *Eu*, acrescida de diversos poemas, com alentada introdução do seu contemporâneo, conterrâneo e amigo Órris Soares. Esse estudo, como acentua Martins Filho, embora também de caráter afetivo, revestiu-se de alta relevância para um mais eficiente conhecimento de Augusto dos Anjos e ampla divulgação da sua obra. Quanto à tendência de Augusto dos Anjos, no referente a escolas literárias, detém-se o autor em opiniões e conceituações de

escritores que estudaram, com profundidade, a singular personalidade de Augusto dos Anjos. Expondo-os, com clareza e objetividade, conclui sua argumentação, observando ser quase impossível vincular o poeta a essa ou àquela corrente.

Sendo Augusto dos Anjos um artista original ou um poeta *sui generis*, em quem se manifestou, efetivamente, a genialidade, Martins Filho discorda da opinião do crítico Álvaro de Carvalho, para quem o vate "não formou escola" nem "abriu caminho para o poesia do futuro". Então, afirma que ele "pode e deve ser considerado um pré-modernista pela mensagem de libertação que emana de grande parte de seus poemas".

Tratando das razões da angústia de Augusto dos Anjos, novamente o autor das *Reflexões* se demora em curiosas análises. Desta feita, examinando os estudos do conceituoso intelectual Horácio de Almeida, acerca do genial poeta, traz à tona o caso da flagrante inquietação da sua personalidade, a tão conhecida desordem do seu sistema nervoso, cujas raízes se chantam no profundo abalo sofrido por sua mãe, quando ele se achava ainda em gestação. A isso deve-se acrescer o rigorismo do pai, homem culto, forrado de profundos conhecimentos humanísticos e filosóficos, na formação intelectual do filho.

Fundamentado no sobredito autor, Martins Filho faz vir à balha, além desses fatores altamente influenciadores, outro de muito maior peso. Trata-se de tragédia passional em que se envolvera Augusto dos Anjos, para inferir pela procedência das interpretações de Horácio de Almeida, nessa questão controvertida da vida do poeta, que continua um enigma.

A propósito, ocupa-se Martins Filho do ensaio do escritor paraibano J. Flóscolo da Nóbrega, ressaltando-lhe o indiscutível valor da contribuição. Nesta, ou mais precisamente nos tópicos destacados e analisados por ele, repontam importantes considerações em torno do enigmático poeta, marcado pelo destino, de vida sofrida, como a de tantas outras genialidades desventuradas da história. Poeta enigmático e de "acentuado cerebralismo". Poeta senhor de uma arte, de uma "poesia mais cérebro que coração", isto é, com predomínio do cientificismo de um homem "refugiado em si mesmo". Conforme evidencia o trecho, nem por isso, deixou Augusto dos Anjos de ser um grande vate, notadamente nos sonetos, havendo entre os muitos que produziu, algumas verdadeiras obras-primas. Nem mesmo deixou de ser um artífice incomparável do verso, em que pese a certos defeitos contidos na sua produção.

Malgrado enigmático, cerebral, angustiado, tímido, introvertido, bem outro era "o homem comum Augusto dos Anjos", o Augusto dos Anjos na intimidade dos familiares e amigos.

Estribado em três pertinentes fontes de informação, ou seja, a tradição oral e estudos da autoria de dois intelectuais, Ademar Vidal e Humberto Nóbrega, neste em especial, Martins Filho perscruta esse ângulo da vida do poeta. Eis que assim, no texto das *Reflexões*, vamos encontrar, na pessoa do extravagante, atormentado e introspectivo Augusto dos Anjos, contraditoriamente, um homem bem diverso: alecre, trocista, faceto, galanteador, lírico. Um poeta bem diferente, publicando poemas jocosos num jornalzinho de humor da capital paraibana, e compondo humorísticos anúncios comerciais em verso.

É, de fato, surpreendente esta faceta, tão pouco conhecida, da personalidade do vate paraibano, que chegou a ser cognominado *Poeta da Morte*, faceta competentemente focalizada nas *Reflexões*.

No tocante à doença que acompanhou e vitimou, tão moço, o desventuroso poeta, Martins Filho aprecia um leque de pareceres mais ou menos profundos, emitidos por intelectuais de relevo, mostrando, pelas citações, como a maioria deles se pronunciou pela tuberculose pulmonar, da qual o próprio Augusto dos Anjos se julgava acometido. Concentra-se, porém, em dois trabalhos de cunho científico, um do cearense João Felipe de Sabóia Ribeiro, outro do paraibano Humberto Nóbrega, ambos médicos. Analisando-os, externa o autor das *Reflexões* a sua opinião, segundo a qual, se trata de "um belo caso médico", onde o diagnóstico da moléstia do desinquieto vate, constitui uma questão polêmica e, ao mesmo tempo, insolúvel.

A atualidade de Augusto dos Anjos é o fecho da obra. Trabalhando o palpitante tema, além de outras considerações, Martins Filho comenta passos do ensaio de José Lins do Rego sobre o poeta, donde afloram curiosos e dolorosos episódios envolvendo-o e a seus familiares. Tece, outrossim, comentários a propósito da tese elaborada pela professora Lucia Helena, a respeito do que ela chama *a cosmogonia de Augusto dos Anjos*. E o faz o autor para realçar a excelência do estudo, original e abrangente, apesar de conter "algumas afirmações bastante categóricas e que poderiam ser reexaminadas".

Em ligeiros traços, eis aí, uma indicação do que oferece ao leitor a indiscutível capacidade de análise e síntese de Antônio Martins Filho, nas páginas de *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*,



fruto opimo de suas leituras e lucubrações, ao longo do tempo, em torno do vate da sua predileção, do genial, desajustado e atribulado poeta que, um dia, *no desespero dos iconoclastas/ quebrou a imagem dos seus próprios sonhos*. A obra, em verdade, constitui-se em contribuição de peso, em testemunho imprescindível aos operários das letras, que se voltam para o estudo deste singularíssimo poeta, glória inquestionável da literatura nacional.

1988